

Entre o tempo e o direito A história de Olga Leon Quiroga¹

Cristiane Cinat

Resumo

Por meio de uma história de vida singular, a dissertação busca explorar algumas dimensões que, presentes em um sujeito particular, referem-se, na verdade, à vida de todos os homens. Envelhecimento humano, participação social e políticas públicas são temas abordados no trabalho, apesar de não esgotados. A peculiaridade da história de vida coletada reside no fato de a personagem articular tanto o seu “em si”, como o “outro” (coletivo), de forma consciente e concreta. Na personagem observam-se motivações e disposições que transcendem o âmbito individual, que envolvem a coletividade; para ela só pode haver vida se houver vivência política e social de maneira ampla, desafiadora e voltada a questões relacionadas aos direitos e à qualidade de vida. Agora idosa, ela continua na luta pelo “direito a ter direitos” (Arendt). Sua vida é movida pela constante elaboração de projetos, fato que confere à personagem grande vitalidade. Olga exemplifica, em alto e bom som, que a velhice não significa “aposentadoria” da vida, mas pelo contrário, mostramos que sonhos, lutas, conquistas e a busca por direito à vida não têm idade. O que Olga testemunha é exatamente isso.



Conversando com Cristiane

Por Guilherme Rocha, da Redação Portal

Portal – Por favor, comecemos pelos dados pessoais.

Cristiane - Meu nome é Cristiane Cinat, nasci na cidade de Pirassununga, São Paulo, no dia 19 de julho de 1976. Concluí meu segundo grau em um curso de formação de magistério, Cefam, e me

¹ Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós Graduated em Gerontologia PUCSP (Fev. 2010). Orientadora: Profª Vera Lucia V. Almeida.

Acesso: PDF - Entre o tempo e o direito: a história de Olga Leon Quiroga

graduei em Serviço Social na Unesp de Franca. Quando formada fui para o campo de atuação na área da assistência social e em decorrência dessa experiência amadureci minha identificação com a área do envelhecimento. Tive a chance de fazer o mestrado em Gerontologia Social na PUC-SP e atualmente tenho doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação de Serviço Social da Unesp, em Franca. Nasci em Pirassununga e tenho meus pais ainda morando lá, por isso mantenho vínculo com a minha cidade natal. Divido minha vida entre Franca, onde ainda permaneço com certa frequência, pois cumpro os créditos do doutorado em São Carlos, onde tenho minha casa com meu companheiro.

Portal - Como e por que se interessou pelo tema do envelhecimento?

Cristiane - Por ser graduada em Serviço Social, a necessidade/opção pelo mestrado nasceu em decorrência de minha atuação profissional. Na época era funcionária concursada na Prefeitura Municipal de Suzano, em São Paulo, mais especificamente na Secretaria de Promoção e Desenvolvimento Social. Na ocasião, o envelhecimento humano tomava mais corpo em algumas áreas das ciências sociais, e a atuação profissional detectava de forma cada vez mais intensa esse grupo populacional e principalmente os desafios do trabalho com ele. Busquei conhecer a questão mais sistematicamente e optei pelo mestrado em Gerontologia Social na PUC.

Portal - Como se decidiu pelo tema de pesquisa e como foi o seu desenvolvimento?

Cristiane - Acredito que meu tema foi amadurecendo com algumas disciplinas que cursei, porque depois de meu ingresso no Programa foi necessária a troca de orientadora, o que acabou por dar novo desenho ao trabalho. Como a opção foi fazer uma pesquisa baseada no método história de vida, escrevi sobre uma importante protagonista na militância pelos direitos dos idosos na cidade de São Paulo, a senhora Olga Leon Quiroga.

Portal - Quais desdobramentos essa pesquisa teve na prática ou ainda terá?

Cristiane - Atualmente avalio que um significativo caminho nasceu da experiência no âmbito pessoal de minha vida: a continuidade do estudo acerca do envelhecimento humano agora no processo de doutorado. Tive a oportunidade de socializar reflexões alcançadas no mestrado em eventos acerca do tema e colaborar para o fortalecimento do conhecimento na área. Atualmente tenho dedicação exclusiva ao doutorado, sendo bolsista. Pensar que o processo de mestrado foi importante passo para a concretização de meus objetivos atuais reforça a importância do trabalho de então para a minha vida.

Portal - O que o mestrado e a pesquisa acrescentaram à sua vida pessoal e profissional? Como avalia o curso de Gerontologia?

Cristiane - Gostaria de destacar algo que vejo como importante no curso de Gerontologia da PUC. Creio que se trata do único curso de pós-graduação em Gerontologia "social" que temos atualmente. Os próprios cursos de graduação que existem em âmbito público no Estado de São Paulo (USP e UFSCar) estão

ligados às ciências biológicas (enfermagem). Nos encontros científicos, seminários e congressos dos quais participo, percebo que pesquisas e estudos sobre o envelhecimento humano acabam sendo mais preponderantes na área das ciências biológicas, até certo ponto entendido em decorrência da grande influência da área médica nas origens da Gerontologia, e com isso bem mais focais.

Vejo que é indispensável para nossas sociedades entender mais que patologias e qualidade de vida em relação a aspectos funcionais dos idosos. Não que isso não seja importante, mas não é o suficiente. Precisamos fortalecer a Gerontologia Social, com pesquisas qualitativas em profundidade a fim de alcançar os complexos fenômenos que envolvem os desafios e as potencialidades de vivermos por mais tempo. Dessa forma, a PUC favorece isso com seu Programa.

Portal - Quais os principais desafios que enfrentou durante o desenvolvimento da pesquisa?

Cristiane - Entendo que estudar em nosso País é sempre algo muito desafiador e me parece que quanto mais se opta em continuar, mais desafios são postos. A pós-graduação exige uma dimensão que nem sempre é conciliável com uma atividade profissional, por exemplo. A tentativa de conciliá-las acaba empobrecendo uma ou ambas. No mestrado não participei como gostaria, ou seria importante, de encontros e eventos científicos, o que pela minha experiência atual vejo como fundamental para o trabalho que se pretende fazer. Por outro lado, ao final do mestrado tive a oportunidade de ser bolsista Capes e recordo-me que até minha alimentação sofreu impacto pela insuficiência financeira de manter o mesmo padrão de uma atividade profissional – que cabe destacar, não era confortável. Optei em seguir o doutorado e tenho como objetivo profissional a área da docência universitária.

Portal - De que forma sua pesquisa contribui para a cultura da longevidade?

Cristiane - Como preconizado pela ONU já há quase 15 anos, o fenômeno do envelhecimento humano é irreversível em nossas sociedades, portanto resta-nos verificar de que forma estamos passando por isso e quais os caminhos que temos construído para tanto. Entender essa afirmativa, sobretudo, implica percebermos que a velhice não é algo único, individual somente e abstrato; ela se dá pelas nossas relações de produção/reprodução da vida, de construções sociais e de nosso reconhecimento sobre esse fato. Creio que quem se dispõe a estudar o envelhecimento humano, construir/fortalecer conhecimento nessa área, tem o compromisso de colaborar no entendimento dessas questões; a garantia de direitos, serviços e benefícios à população que já está envelhecida passa por uma compreensão da realidade que não pode se basear em preconceitos, discriminações, omissões às pessoas desse segmento. Socializar nossos trabalhos, de quem se dedica a esse conhecimento, fortalecer discussões, ocupar espaços, são caminhos que concretizam uma cultura mais justa de longevidade.

Portal - O que diria para quem está começando a estudar na área?

Cristiane - Vejo o estudo sobre a longevidade – voltado, sobretudo, para seus aspectos sociais, pois essa é minha área – como um grande desafio. Optar pelo tema implica perguntar-se antes de tudo a quem interessa discutir sobre envelhecimento humano. Penso que ao Estado, o envelhecimento da população pode significar gastos com políticas públicas que nem sempre estão em pautas e interesses políticos; à sociedade, fundada em relações e valores capitalistas, implica discutir o que pode ser feito com quem não “produz” mais no mercado de trabalho. Se isso se mostra como desafiador de um lado, vejo que é importante caminho para perceber como é possível pensar relações sociais que se fundam em outro âmbito, baseada em outros valores e em outra sociabilidade que não a atual, de desvalorização humana, de exploração, de superficialidade de relações e de “preços” por tempo e vida. Acredito que quem se dispõe a caminhar por tais caminhos deve ter coragem e determinação para desvendar questões além do que vemos imediatamente colocado e acreditar ser possível uma forma mais justa e igual de sociabilidade.

Data de recebimento: 28/10/2013; Data de aceite: 28/10/2013.